



EDIÇÃO Nº 14 SEGUNDO SEMESTRE DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 20/12/2012



**AS LISTRAS DO PASSADO:
UM OLHAR (NADA) INGÊNUO PARA A HISTÓRIA EM O MENINO DO PIJAMA LISTRADO
DE JOHN BOYNE**

Angela Batista Xavier*
Orientador: Fábio Dobashi Furuzato

“A ficção talvez ofereça uma perspectiva mais interessante que a história real sobre o que se passou, mas não é minha intenção escrever só sobre o passado.”¹
(John Boyne)

RESUMO: O presente artigo trata-se de um estudo crítico sobre o livro best seller *O Menino do Pijama Listrado*, romance da autoria do escritor irlandês John Boyne, que se passa no período da Segunda Guerra Mundial, onde um garoto de nove anos, filho de um comandante nazista, passa a conhecer e ser melhor amigo do seu oposto, um garoto judeu que vive em um campo de concentração. O objetivo desse artigo é analisar a obra tendo como apoio a Nova História Cultural para compreender com melhor exatidão o contexto histórico da trama, representado através dela, situações históricas conectadas ao Holocausto. Logo, a Literatura será uma aliada da História assumindo o papel de resgatar a memória do período em que acontece a narrativa, juntamente com a produção cinematográfica *O Menino do Pijama Listrado (The Boy in the Stripped Pyjamas, 2008)* dirigido por Mark Herman, que servirá de apoio para o desenvolvimento do artigo. Como referencial teórico, o presente artigo abrangerá teorias de Sandra Jatahy Pesavento e Perter Burke.

PALAVRAS-CHAVE: Segunda Guerra Mundial, Holocausto, Judeus, Nova História Cultural.

*Acadêmica do curso de Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Artigo requerido para a disciplina História Cultural. Endereço de e-mail para contato: angela_dox@hotmail.com

¹ GONÇALVES FILHO, Antônio. *O Nazismo visto por olhos inocentes*: entrevista com John Boyne. Publicada no Jornal Folha de São Paulo no dia 27/10/2007. Disponível em: <http://www.livrariaresposta.com.br/v2/produto.php?id=2319>
Acessado em 27/09/2010.



EDIÇÃO Nº 14 SEGUNDO SEMESTRE DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 20/12/2012



ABSTRACT: The present article is a study about the best seller book *The Boy in the Stripped Pyjamas*, 2008, written by the Irish author John Boyne, and happens during the Second World War, where a nine years old boy, son of a Nazi Commander, gets to know and be best friends

with his opposite, a Jewish boy who lives in a concentration camp. The goal of this paper is to analyze the work having the support of New Cultural History to understand more accurately the historical context of the plot, represented by its historical situations connected to the Holocaust. Consequently, the literature will be an ally of history, assuming the role of rescuing the memory of the period in which the story happens, along with the film production *The Boy in the Stripped Pyjamas*, directed by Mark Herman, which serves as a support for the development of this article. As theoretical reference, this article will cover theories of Sandra Jatahy Pesavento and Perter Burke.

KEYWORD: Second World War, Holocaust, Jews, New Cultural History

A narrativa ficcional *O Menino do Pijama Listrado*, lançado em 2007, traz em si diversas particularidades que permitem a possibilidade de resgate do passado, das sensações vividas no determinado momento histórico, junto com o resgate da memória e dentre outros aspectos que serão percorridos durante o percurso.

Entender a História através de uma produção literária torna-se de certa maneira mais empolgante, permitindo que o leitor se torne o pesquisador, surgindo assim, o instigante desejo de explorar a história, de desvendar as possíveis questões e as entrelinhas da narrativa. A excitação presente nessas ações é semelhante à do historiador, que Pesavento a partir de Carlo Ginzburg, aponta que:

O historiador é equiparado a um detetive, pois é responsável pela decifração de um enigma, pela elucidação de um enredo e pela revelação de um segredo. Qual Sherlock Holmes enfrenta o desafio do passado com atitude dedutiva e movido pela suspeita: vai em busca de traços, de pegadas como um

caçador, de vestígios, como um policial. Presta atenção nas evidências, por certo, mas não entente o real como transparente. (PESAVENTO, 2008, p.63)

Ações como essa faz com que o leitor torne-se atento aos fatos, para que se possa haver a compreensão dos acontecimentos. Entender o real como opaco (contrário de transparente) significa que a apresentação é sempre uma visão possível do objeto representado, sendo que essa visão depende de um ponto de vista e do modo de representação, que nunca é neutro.

Sendo assim, o leitor possui uma função tão importante e semelhante quanto à do historiador, eis que uma delas é explorar. No enredo de *O Menino do Pijama Listrado* encontra-se um pequeno explorador, de apenas nove anos. Sua história torna-se envolvente, à medida que os nós vão se desatando.

John Boyne publicou *O Menino do Pijama Listrado* no ano de 2006, sendo que o livro já foi lançado em mais de 30 países e tornou-se mais um best seller de vendas. O autor, em sua obra, tenta relacionar a ficção com o maior acontecimento histórico da humanidade, usufruindo da Literatura para a ilustração da Segunda Guerra Mundial. Boyne declara que:

O que me levou ao livro foi o único motivo que leva alguém a escrever: uma boa ideia. Estudei por muitos anos a literatura do Holocausto, não com o intuito de escrever uma novela ambientada na época do nazismo, mas para me educar sobre um assunto que considero tocante. Quando surgiu a ideia - e, inicialmente, essa ideia era pouco mais que a imagem de dois meninos conversando, sentados em lados diferentes de uma cerca - senti que poderia sugerir uma nova perspectiva para a literatura do gênero. Chamei-o de fábula por ser um trabalho de ficção com moral transparente. Como sabia que teria de alterar alguns aspectos da vida num campo de concentração em função da história, decidi não usar a palavra Auschwitz em nenhuma página do livro. Com isso, o livro acabou se parecendo com uma fábula, mais que com qualquer outro gênero. (Folha de São Paulo: 27/10/2007)

A trama se inicia na Alemanha, durante a Segunda Guerra Mundial. Bruno é um garoto de nove anos, filho de um oficial nazista que acaba sendo condecorado Comandante e que mora com sua família na cidade de Berlim. Bruno nunca sabia exatamente o que o seu pai fazia, apenas tinha conhecimento que era um homem importante e que o Fúria (Führer) tinha grandes planos para o tal.

Bruno e sua família partem de Berlim, para uma casa que não era tão agradável como a outra, isolada de tudo, pois agora seu pai era comandante de um campo de concentração.

Logo quando chega ao seu quarto, parte para a janela onde avista pessoas vestidas com roupas que lembram pijamas. Bruno chama sua irmã para observar junto com ele, e ambos ficam pasmos com a imagem sofrida daquelas pessoas.

Não havia muito que fazer para um menino da sua idade na nova casa, além de ficar lendo livros de aventura. Então o menino decide explorar e segue rumo ao campo de concentração chamado Haja-Vista, e quando está para chegar, observa ao longe uma sombra, que vai tomando forma de uma pessoa, e quando se aproxima percebe que era uma criança, o pequeno judeu Shmuel, que passa a ser seu “melhor amigo para a vida toda” (BOYNE, 2007, pg.92) no decorrer da fábula.

A trama se passa no ano de 1943 (não se diz a data exata do ano no desenvolver da narrativa, mas é de se considerar a hipótese, já que o personagem Bruno nasceu em 1934, dois anos antes do término da segunda grande guerra) e nesse período, como já foi mencionado, estava sendo travada a Segunda Guerra Mundial. Durante a guerra, Hitler estabeleceu um regime baseado em um conjunto de princípios em que os alemães pertenciam à “Raça Pura”, enquanto os judeus estavam relegados ao plano conhecido como "Untermenschen", ou seja, não pertencentes à raça humana; povo impuro, subumano.

Os objetivos presentes durante a Segunda Guerra eram muito específicos, sendo os principais, a expansão do território nazista, a submissão e aniquilação de povos que não eram considerados puros, ou seja, não pertencentes à raça ariana. Com isso:

A Alemanha de Hitler, por exemplo, pretendia dominar a Europa e transformar os países do Ocidente em estados vassalos. O plano nazista para o lado oriental era reduzir a União Soviética à condição de colônia e transformar sua população em serviçais dos “senhores” germânicos. (MAGNOLI, 2006, pg. 356).

O motivo que desencadeou a segunda grande guerra (além do desejo expansionista de Hitler e a obtenção de poder) foi quando o exército alemão invadiu a Polônia em 1939, dando início à exterminação do povo judeu, principalmente no solo polonês. Para isso, o exército alemão concentra uma grande massa de judeus em campos de concentração, guetos, usa-os para o campo de trabalho (assim como retrata o filme *O Menino do Pijama Listrado*) ou os matam nos campos de extermínio. As condições favorecida aos judeus nos campos de concentração eram péssimas. Muitos morriam de fome, desidratação, doenças ou devido aos acidentes de trabalho. Um trecho da narrativa retrata o estado físico dos judeus confinados:

Era um rosto bastante estranho. A pele era quase cinza, mas diferente de outras tonalidades de cinza que Bruno já havia visto. [...] Bruno teve certeza de jamais ter visto um menino tão triste e tão magro em toda a sua vida, mas decidiu que seria melhor conversar com ele. (BOYNE, 2007, pg.49)

Em síntese, Demétrio Magnoli define que:

A Segunda Guerra Mundial foi uma guerra total no sentido lato da palavra. A política nazista de destruição dos judeus (a “solução final”) contava com sofisticada organização de busca, seleção, transporte, concentração e assassinato nos campos de extermínio (o chamado Holocausto), para onde também foram enviados ciganos, opositores e até prisioneiros de guerra. Já em 1945, os americanos jogaram bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki, ameaçando o mundo com nova tecnologia de morte em massa. Essa foi a guerra total no último conflito mundial. (MAGNOLI, 2006, pg.355)

Esse extermínio em massa de judeus (homossexuais, deficientes físicos e mentais, civis eslavos, prisioneiros de guerra, ciganos) comandado por Hitler (Holocausto) é um fato histórico presente tanto na obra *O Menino do Pijama Listrado* quanto na produção cinematográfica. Ambas são obras ficcionais que provocam um choque pela descrição do vivido.

A obra em si possui uma singularidade interessante, presente em uma narrativa que vai dando “pistas” sobre o período em que está ocorrendo. É uma mistura da fantasia com o real, permitindo a capacidade humana imaginativa da História, ou seja, a ficção. *O Menino do Pijama Listrado* é narrado em terceira pessoa, onde a personagem Bruno expõe os seus pensamentos junto com suas ações. O texto apresenta um olhar “inocente”, porém irônico, pelo fato do acontecimento mais trágico da história humana ser visto e narrado pelos olhos de uma criança ao qual não entende muito bem o porquê da situação. Torna-se importante colocar como ponto crucial a ingenuidade que é proposta. O Filme, entretanto, faz maior apelo para o sentimento. Bruno, por exemplo, não entende porque Pavel fica a descascar batatas, já que é um médico, também não entende por que Shmuel não pode sair do campo de concentração; isso é explicado porque Bruno não tem dimensão do que está se passando no momento, e por causa da sua pouca idade e experiência de vida.

E devido à obra ser escrita sob o olhar de uma de uma criança, ou seja, a personagem Bruno, a recorrência à sensibilidade torna-se uma aliada para o desenvolvimento do enredo, pois há um resgate do sentimento da humanidade perante a Segunda Guerra.

A sensibilidade é um dos fatores contidos na Nova História Cultural, que leva em consideração o que foi vivido, o indivíduo, os sentimentos presentes. Segundo Pesavento (2008, pg.56), o “estudo dos pobres, dos subalternos enquanto classe ou grupo, detentores de uma expressão cultural dita popular, passou-se a uma história de vida das pessoas humildes, na qual possam ser surpreendidos os sentimentos, as emoções, os valores.”. Portanto, os odores, a fome, o sentimento de tristeza pelo povo subalterno, o ódio aos judeus, são sentimentos esses passados ao leitor com muita eficiência, permitindo assim, um choque perante a realidade e a construção mental da situação pelo leitor, assim como no seguinte trecho:

“Então, um dia vieram os soldados e seus gigantescos caminhões”, continuou Shmuel, que não parecia muito interessado em Gretel. “E todos tiveram que deixar suas casas. Muitas pessoas não queriam ir e se esconderam em qualquer lugar que puderam encontrar, mas, afinal, acho que pegaram todos. E os caminhões nos levaram a um trem, e o trem...” Ele hesitou por um instante e mordeu o lábio. Bruno pensou que ele ia começar a chorar e não entendeu por quê. “O trem era horrível”, disse Shmuel. “Havia muitos de nós nos vagões, para começar. E não havia ar para respirar. E o cheiro era terrível.” (BOYNE, 2007, pg.58).

O filme *O Menino do Pijama Listrado*, concretiza a sensibilidade presente até mesmo dentro das próprias personagens. A partir de Pesavento, “como forma de ser e estar no mundo, a sensibilidade traduz-se em sensações e emoções, na reação quase imediata dos sentidos afetados por fenômenos físicos ou psíquicos, uma vez em contato com a realidade” (PESAVENTO, 2008, p.14). Logo, “as sensibilidades correspondem às manifestações do pensamento ou do espírito, pelas quais aquela relação “original” é organizada, interpretada e traduzida em termos mais estáveis e contínuos” (PESAVENTO, 2008, p.14). Um exemplo disso é Elsa, mãe de Bruno, que acha um horror as condições humanas prestadas aos judeus. No decorrer da história, a personagem fica mais horrorizada com as devidas atitudes do movimento nazista, e tenta proteger os filhos, para que não tenham contato com esse “mundo”. O momento desencadeador desse sentimento de horror, foi quando Elsa sente um cheiro estranho no ar e Tenente Kotler diz a ela: “Eles cheiram ainda pior quando eles queimam, não cheiram?”. Nessa cena, Kotler se refere aos judeus que eram queimados vivos ou mortos nos campos de concentrações.

Essa representação do Holocausto, tanto na obra quanto no filme, exige a recorrência da memória individual, para conciliar os fatos históricos com a obra.

Sabe-se, que a partir da Nova História Cultural, a memória é de propriedade coletiva que dispõe a reconstrução de uma imagem do passado. No caso, a memória pertencente aos objetos analisados está

interligada a segunda grande guerra, ao sofrimento provocado pelos nazistas, às cidades dominadas, a tortura, opressão, submissão de vários povos, matança em massa do povo judeu; fatos esses presentes na memória social do mundo. Um exemplo disso é o relato de Joutard ao qual Peter Burke utiliza para contextualizar a memória, que foi o estudo dos protestantes do sul da França, e nesse estudo é apontado na cultura as influências da memória, na perseguição dos protestantes pelos católicos baseada em histórias da Bíblia do povo escolhido, na qual consistia a morte desses habitantes, tendo como referência as marcas que eram feitas em suas portas, que indicavam que esse povo ali residia. Burke (2005, pg.89) acredita que, “lendo o relato de Joutard é difícil não pensar no Holocausto, acontecimento traumático também lembrado em uma estrutura bíblica, já que o termo “holocausto” significa “queimar a oferenda.”” No Holocausto, as formas de dizimar judeus eram diversas, dentre elas, o ato de queimar homens vivos nas câmaras de gás. Essa forma de execução aparece de maneira implícita na última cena do filme.

O Menino do Pijama Listrado é uma representação histórica da Segunda Guerra Mundial, já que História e Literatura estão interligadas nessa obra. É lógico pensar que sempre há uma representação e um fato, logo, se não houver representação, não há fato. Pesavento julga a representação como uma das categorias mais importantes da História Cultural, incorporada pelos historiadores no século XX.

A obra em si e o filme, são formas de representação da vida dos judeus na Segunda Guerra Mundial e do Holocausto, sendo que a representação desse momento histórico é uma construção a partir do real, possuindo verossimilhança com o fato já ocorrido. Logo, considera-se que a representação não é uma cópia do real, e sim, uma construção baseada em um dado momento da História, sendo que “aquilo/aquele que se expõe – o representante – guarda relações de semelhança, significado e atributos que remetem ao oculto – o representado.” (PESAVENTO, 2008 pg.40).

Além da representação, *O Menino do Pijama Listrado* possui relação com o imaginário, outro elemento que integra a Nova História Cultural. Esse elemento é próprio do ser humano, sendo um conjunto de ideias e de imagens que o homem construiu para si com o intuito de entender, organizar e dar sentido ao mundo, ou seja, “o real é sempre o referente da construção imaginária do mundo, mas não é o seu reflexo ou cópia.” (PESAVENTO, 2008, pg.47). Também:

Dá-se o nome de imaginário a esta capacidade, essencialmente humana, de representar o mundo por um mundo paralelo de sinais, capacidade mental que se expressa através de imagens, palavras, idéias e

práticas. O imaginário vem a ser, pois, um conjunto de representações coletivas que dá sentido à realidade. (PESAVENTO in GRIJÓ et al., 2004: 179)

No filme *O Menino do Pijama Listrado*, por exemplo, Bruno imagina e acredita que os judeus que avista da janela do seu quarto sejam fazendeiros, e que o campo de concentração seja uma Fazenda. Ao não saber exatamente o que seja aquelas pessoas e o que elas fazem, o personagem cria em sua mente uma explicação para a imagem que está presenciando. Outro exemplo de imaginário é quando a personagem vê certos números na roupa de Shmuel, acreditando que esses números sejam algum tipo de jogo. O imaginário, até certa idade possui grande influência na mente da criança, é o momento onde as dúvidas surgem, e que a imaginação explica o que até certo momento não possui explicação, como quando “Bruno ergueu uma sobrancelha, incapaz de compreender o sentido daquilo tudo, mas presumiu que tivesse algo a ver com a necessidade de manter a chuva longe e impedir que as pessoas ficassem resfriadas.” (BOYNE, 2007 pg. 93).

Porém, o imaginário também pode ser um sentimento de proteção para com um segredo. Bruno durante uma conversa com sua irmã Gretel, cita o nome de Shmuel. De certa maneira, isso era perigoso, e ninguém poderia saber dos encontros com o teu amigo judeu, mas, além disso, Bruno não queria dividir a amizade de Shmuel com sua irmã, então:

Só havia uma coisa a fazer: mentir. “Eu tenho um novo amigo”, começou ele. “Um novo amigo que vou visitar todos os dias. E ele está esperando por mim agora. Mas você não pode contar a ninguém.” “Por que não?” “Porque é um amigo imaginário”, disse Bruno [...] “Nós brincamos juntos todos os dias.” Gretel abriu a boca e o encarou antes de cair na gargalhada. “Um amigo imaginário!”, gritou ela. “Você não está meio grandinho para ter amigos imaginários?” (BOYNE, 2007, pg. 70).

Sendo assim, é de se levar em consideração de que imaginário e real se relacionam, sendo que:

Tanto as sociedades arcaicas quanto as modernas, contemporâneas, tecnologizadas possuem seus sistemas imaginários de representação, a construírem verdades, certezas, mitos, crenças. Todos os homens vivem, diz Boia, ao mesmo tempo em um mundo prosaico, das coisas do cotidiano, e em um mundo do fabuloso, do desejo e do sonho. O que é certo assevera Boia, é que nenhuma sociedade vive fora do imaginário e que é uma falsa questão separar os dois mundos, o do real e o do imaginário. (PESAVENTO, 2008, pg. 47).

Ambos os objetos abordados para análises são ricos em informações históricas e possui pontos importantes que não podem ser esquecidos, e o mais importante deles é que a grande metáfora existente em

O Menino do Pijama Listrado é que Bruno é o espelho de Shmuel, vice e versa. Os dois possuem nove anos e nasceram no mesmo dia e no mesmo ano:

“Quantos anos você tem?”, perguntou Bruno. Shmuel pensou a respeito e olhou para os dedos, que se agitavam no ar, como se ele estivesse tentando calcular. “Tenho nove anos”, disse o menino. “Eu nasci no dia 15 de abril de 1934.” [...] Os olhos de Bruno se arregalaram e a boca fez o formato de um O. “Não posso acreditar”, disse ele. “Por que não?”, perguntou Shmuel. “[...] Porque o *meu* aniversário também é no dia 15 de abril. E eu também nasci em 1934. Nascemos no mesmo dia.” [...] “Somos como gêmeos”, disse Bruno. (BOYNE, 2007, pg.50)

Bruno é tudo o que Shmuel já foi um dia: livre. Shmuel é como Bruno se sente interiormente: aprisionado, com medo, sem entender o que se passa. O que separa ambos é uma cerca de arame farpado que traz consigo a intolerância humana, o aprisionamento, a irracionalidade e falta de sentimento. Mas quando essa cerca é derrubada, ambas as vidas se cruzam em um só destino. Quando Bruno decide passar para o outro lado da cerca e usar o pijama que seu amigo Shmuel e que tantos outros judeus utilizam, ele se torna um deles, possuindo o mesmo fim, esse, destinado a todos.

O Menino do Pijama Listrado possui um final que causa choque ao telespectador e ao leitor, momento em que a sensibilidade se torna mais expressiva.

No caso da narrativa, quando o menino Bruno ao atravessar a cerca e vestir-se como um judeu para ajudar Shmuel a procurar seu pai, a sua identidade a partir daquele momento é apagada. Ali todos são iguais, e todos terão o mesmo fim. Bruno e Shmuel estão a procurar por pistas, quando de repente, ouve-se o soar de apitos e ambos são arrastados por uma multidão. Shmuel acredita que eles estão indo marchar e diz para Bruno que “quando as pessoas saem para marchar, eu nunca mais as vejo. Mas imagino que não demore.” (BOYNE, 2007, pg.92). Pelo fato de serem pequenos, os dois são arrastados pela multidão. Como Bruno parecia sentir o que estava prestes a acontecer, diz para Shmuel, “você é o meu melhor amigo, Shmuel”, disse ele. “Meu melhor amigo para a vida toda”. (BOYNE, 2007, pg.92). Ambos dão as mãos e são conduzidos para um cômodo escuro onde ali termina a história. Depois desse acontecimento, ninguém possui notícias de Bruno.

O desfecho do filme é quase o mesmo apresentado pelo livro, mas possui uma distinção entre si: Bruno, já usando o pijama, passa para o outro lado da cerca na tentativa de procurar pistas sobre o paradeiro

do pai de Shmuel, porém, os meninos acabam sendo levados por uma multidão que é conduzida por soldados nazistas. Ao chegar a uma das cabanas, um dos soldados manda todos tirarem as roupas. Um dos judeus diz: “é apenas um banho”. Bruno e Shmuel se despem, e novamente o soldado dá ordens para todos entrarem no cômodo de ferro. Nesse momento todos gritam. Bruno e Shmuel de mãos dadas e sem entender o que está acontecendo, permanecem junto dos outros, todos apertados dentro da câmara. A mesma fora fechada. Nesse momento, todos aqueles judeus ali presentes juntamente com Bruno e Shmuel são mortos queimados, uma maneira cruel de execução. Ralf e outros soldados na procura de Bruno chegam ao local onde o menino tirou suas roupas e passou para o outro lado da cerca. Ele corre desesperado dentro do campo de concentração, procurando o menino em cada cabana. Mas de repente se lembra da câmara onde os judeus eram executados. Segue correndo para a câmara, com o objetivo de salvar teu filho. Mas quando chega ao local, já era tarde demais. Tudo o que lhe resta é gritar o nome do filho. Elsa ouvindo o grito de Ralf cai em prantos, segurando as vestes do filho que nunca mais voltará.

A diferença entre os desfechos, é que enquanto um apresenta um final sugestivo, o outro não deixa incertezas de que Bruno morre junto com os outros homens. Mesmo com ambos os desfechos possuindo diferenças entre si, os dois demonstram que o tirano tornou-se vítima da sua própria tirania, e o preço a pagar foi a morte de um inocente.

“E assim termina a história de Bruno e sua família. Claro que tudo isso aconteceu há muito tempo e nada parecido poderia acontecer de novo. Não na nossa época.” (BOYNE, 2007, pg 94)

Conclui-se então, que a produção cinematográfica e a narrativa ficcional *O Menino do Pijama Listrado*, são formas representativas de um momento histórico. Ambos possuem como fio norteador a Segunda Guerra Mundial, período onde foi instaurado o nazismo, movimento liderado por Adolf Hitler, alegando que judeus e outras raças eram inferiores à ariana, essa, considerada pura. Nesse período obscuro da História da humanidade aconteceu o Holocausto, que dizimou milhões de judeus, homossexuais, ciganos, opositores. O apelo à inocência, devido à história ser narrada e vista pelo olhar de uma criança, torna-se necessária para o desenvolvimento da sensibilidade dentro do drama. Ambos os objetos utilizados para análise são formas de representar a realidade, levando em consideração de que a representação possui verossimilhança com o real e de que a memória e o imaginário tornam-se importantes para a reconstrução do vivido dentro da narrativa e da produção cinematográfica. A partir desses pontos chaves de sustentação



EDIÇÃO Nº 14 SEGUNDO SEMESTRE DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 20/12/2012



teórica derivados da Nova História Cultural, foi possível a realização do estudo de *O Menino do Pijama Listrado*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOYNE, John. **O Menino do Pijama Listrado**. Trad. Augusto Pacheco Calil. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2º ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Trad. Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

MAGNOLI, Demétrio, organizador. **História das Guerras**. 3º ed. – São Paulo: Contexto, 2006.

GONÇALVES FILHO, Antônio. **O Nazismo visto por olhos inocentes**: entrevista com John Boyne. Publicada no Jornal Folha de São Paulo no dia 27/10/2007.

Disponível em: <http://www.livrariaresposta.com.br/v2/produto.php?id=2319>

Acessado em 27/09/2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. A construção de uma Porto Alegre Imaginária – uma cidade entre a memória e a história. In: GRIJÓ, Luiz Alberto; KÚHN, Fábio; GUAZELLI, César Augusto



EDIÇÃO Nº 14 SEGUNDO SEMESTRE DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 20/12/2012



Barcellos;NEUMANN,Eduardo Santos (orgs.) [et all.].**Capítulos de História do Rio Grande do Sul.**
Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.